

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CAMPUS V
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP

O LIVRO-TEXTO COMO RECURSO DIDÁTICO:
POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES

KEILANE MARIA DE OLIVEIRA

Cajazeiras, Agosto de 1995

KEILANE MARIA DE OLIVEIRA

**O Livro-Texto como Recurso didático:
Potencialidades e Limitações**

Trabalho apresentado para conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia do C.F.P. Campus-V, Cajazeiras - Paraíba.

Orientadora: Prof^ª.
Idelsuite de Sousa Lima.

Cajazeiras, Agosto de 1995.

"Vós me cercais por
trás e pela frente, e esten-
deis sobre mim a vossa mão."

(Salmos 138:5)

"Se temos Deus por nós, então
ele se torna presente como pai, e, nas
ocasiões de perigo, faz valer sua pater-
nidade, sob a forma de uma solici-
tude, que supre, de modo maravilhoso, o que
nos possa faltar."

(M. BASILEA).

"Todos nós sabemos alguma
coisa todos nós ignoramos
alguma coisa.
Ninguém ignora tudo
Ninguém sabe tudo."

(PAULO FREIRE)

Homenagem Sincera

A professora de Princípio e Métodos de supervisão Escolar, Idelsuite de Sousa Lima, pela constante dedicação e disposição de ter se colocado a nosso serviço, transmitindo experiências vividas no dia-a-dia na Educação, pela tentativa de inculcir-nos um sentimento de responsabilidade profissional, criando, em nossas consciências, uma vontade muito grande de acertar.

Agradecemos a todos aqueles que contribuíram para realização desta tarefa, nos proporcionando o conhecimento da realidade da Escola Estadual de 1º Grau Pedro Américo.

Eis portanto, nossos agradecimentos:

- Agradecemos a Deus pela saúde e disposição que nos deu para vencermos as dificuldades encontradas neste trabalho.

- A administradora escolar, pela colaboração e apoio que nos foi dada.

- Aos professores e alunos que nos deram a confiança e a oportunidade de comparar a teoria com a prática e daí tirar lições inestimáveis enquanto profissionais.

- Aos nossos colegas, abraços ao fim da jornada com profundo sentimento de gratidão, dedicando-lhes nossos eventuais méritos e a nossa homenagem maior.

Nossas Despedidas

Para nós estagiárias em Supervisão Escolar, um trabalho cansativo chega ao fim em condições nem sempre as melhores, mas são as nossas, não temos outras.

Chegamos ao fim, é verdade, mas é o momento de um novo começo, de outro começo. E para que um novo caminho seja possível, é preciso "destruir" o caminho percorrido. Para ter coragem de subirmos mais alto, é preciso jogarmos fora a escada por onde subimos. Uma nova etapa é possível porque uma etapa anterior foi superada. A melhor conclusão que podemos tirar de um trabalho como esse, é que ele é ainda imperfeito.

Se amanhã fizéssemos um outro, nós o faríamos de forma mais enriquecida.

SUMÁRIO

I	- INTRODUÇÃO	01
II	- MARCO TEÓRICO.....	03
III	- O LIVRO TEXTO COMO RECURSO DIDÁTICO POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES.....	05
IV	- METODOLOGIA.....	10
V	- CONCLUSÃO.....	11
VI	- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	12
VII	- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	13
VIII	- ANEXOS.....	14-44

INTRODUÇÃO

O tema - o livro-texto como recurso didático: Potencialidades e limitações - foi escolhido com o objetivo de conhecer melhor a prática educativa dessa atividade no contexto sócio-político e econômico da sociedade brasileira/paraibana, na Escola Estadual de 1º Grau Pedro Américo, na cidade de Cajazeiras.

Nosso interesse pela temática originou-se de estudos e discussões realizadas em sala de aula. Isto despertou em nós o desejo de buscar informações mais substanciais sobre a prática e as dificuldades que as professoras encontram no desenvolvimento do seu trabalho, pois sabemos que este se dá num sistema educacional que apresenta várias dificuldades.

A inserção no campo de estágio, foi apreensiva uma vez que percebemos de início certa indiferença e apatia por parte dos membros integrantes da escola. Entretanto, com a continuação dos estudos foram se dissipando as indiferenças e criando um ambiente de interesse e participação. Ao passo que iam se familiarizando com a questão, surgiram debates, relatos de experiências que nos motivaram a progredir.

Todavia, demos conta de que um dos entraves, é a defesa dos professores da sua prática e resistência ao novo, de acordo com o que mostra FREITAG et alii (1993).

"... os professores chegam a perceber a desvinculação da disciplina com a realidade objetiva, mas provavelmente pelo tipo de formação que receberam não conseguem articular essas dificuldades diretamente com os conteúdos que transmitem..."

Entretanto, apesar da resistência contida nas

suas falas e atitudes encontramos também nos seus depoimentos
vontade de acertar e de realizar um trabalho mais produtivo.

MARCO TEÓRICO

A problemática do livro didático no Brasil, abrange aspectos técnicos, econômicos, de formação de docentes e mesmos ideológicos que mascaram a realidade como nos mostra FREITAG et alii (1993).

"... o livro didático, por ser ideológico é alheio a realidade, ignorando a tese de Marx de que a realidade está presente em negativo, e forma deformadora, no discurso ideológico..."

Reforçando esse caráter ideológico, os livros didático apresentam erros graves na conceituação, na redação e outros, segundo nos afirma LAJOLO In EM ABERTO (1987):

"O livro didático contém incorreções graves quanto aos conteúdos que veicula; reforça ideologias conservadoras, que subestimam a inteligência de seu leitor/usuário, que aliena o professor de sua tarefa docente..."

Além disso, há ainda a ideologia contida no aspecto físico do livro, como relata NOSHIA (1970)

"As capas e ilustrações constituem instrumento reforçador da ideologia dominante, pois utilizando técnicas visuais, reforçam as mensagens ideológicas e já veiculadas pelos textos de leitura."

4

Confirmando essa posição CARVALHO (s/d) declara:

"Figuras caricaturais propõem um mundo distante do cotidiano..."

Por outro lado, o livro apresenta suas potencialidades, impedindo-nos de condená-lo. Além dos mais, eles se reveste de importância diante do quadro educacional brasileiro, fornecendo um mínimo de conhecimento, que podemos comprovar nas palavras de SOARES In Nova Escola (1994).

"... didático é uma forma de garantir um mínimo de qualidade no ensino; ele tem a função de sistematizar o conhecimento da criança. além do mais num país como o Brasil, didático tem uma função de suprir a falta de livro entre as crianças das camadas populares..."

Outrossim, as desigualdades sociais enfrentadas pela maioria da sociedade brasileira, atribui ao livro didático um valor imprescindível, tendo em vista que essa camada da população não dispõe de condições financeiras para adquirir livros para os seus filhos, como comenta FREITAG et alii (1993).

Entretanto, enfatizando o uso do livro pelo professor, CARVALHO (s/d) chama atenção à atitude que se deve ter frente a este recurso quando diz:

"O professor deveria, ao utilizar o livro didático, fazê-lo de forma desafiadora e construtiva para que, mesmo que seus conteúdos tivessem se tornados obsoletos, houvesse uma 'transferência de conhecimentos' para outras situações, tornando a habilidade de lidar com dados permanentes após ter sido desenvolvida."

Diante dessas constatações, justifica-se o empenho despreendido nesse estudo com o intuito de conhecermos a dimensão desse problema, e sua influência no processo ensino-aprendizagem.

5

"O LIVRO-TEXTO COMO RECURSO DIDÁTICO: POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES"

"... os livros didáticos contemporâneo ainda estão sendo escritos, confeccionados e usados seguindo padrões que, do ponto de vista científico, já estão há muito ultrapassados..."
(FREITAS, et alii, 1993. p. 83)

Com base nessa afirmação, refletir acerca do livro didático no Brasil, é tarefa das mais significativas dentro do contexto das reflexões pedagógicas atuais tendo em vista sua utilização no processo ensino-aprendizagem.

De modo que, na escola, campo de estágio constatamos que todas as atividades giram em torno do livro didático, criando com isso uma dependência maléfica ao professor, como confirma CARVALHO (s/d):

"... o livro didático deixou sua função de auxiliar para se erigir em centro irradiador do saber. Pela grande importância de que foi revestido, criou uma dependência prejudicial para seus usuários..."

Esse apego intrínseco do livro, repercute de forma preponderante na aprendizagem dos alunos. Constatamos no decorrer da exposição do assunto pelo professor que os alunos não demonstram nenhum interesse pela aula; ficam transitando na sala, conversando com os colegas, dizendo brincadeiras e alguns nem mesmo abrem o livro para acompanhar a leitura.

Desse modo, as palavras de SANTOS (In Nova Escola) mostram-se verazes quando diz:

"... a maior parte dos livros é um verdadeiro tormento para os alunos..."
(Revista Nova Escola, Nº 41. ago/90)

Esse tormento se dá ao fato, das atividades propostas no livro didática, serem repetitivas, sem criatividade não contribuindo para o desenvolvimento crítico dos alunos, nem tão pouco para a capacidade de criar e raciocinar como assevera HOFLING In Nova Revista (1988):

"o livro didático, não cria condições favoráveis para incentivar o estudante a assumir uma postura de cidadão consciente e participativo na sociedade."
(Revista Nova Escola, Nº 21. maio/88)

Essa e tantas outras questões foram exaustivamente discutidas nos encontros de estudos que realizamos com os professores.

Esses momentos foram marcados por debates enriquecedores. Em um deles foi uníssono a opinião dos docentes ao declarar que a problemática do livro didático é de cunho político, como mostram seus depoimentos:

- (prof. nº01) - "Os governos não se interessam pela educação."
- "...só tem muita é promessa." (prof., nº 02)
- (prof. nº 03) - "Cada vez mais se investe menos na educação."

Em conformidade com essas declarações SERPA In EM ABERTO (1987) argumenta que:

"A questão do livro didático constitui-se, na verdade, em uma vertente da questão da política educacional do governo."

Assim, é de interesse dos governantes manter o sistema educacional como está, assegurando sua hegemonia. De forma que, negligenciam a educação brasileira reduzindo todas as formas de despertar d'aqueles que são dominados.

Em adição a essa atitude vertical, acrescenta-se o fato dos professores não escolherem os livros com o qual vão trabalhar, conforme suas declarações:

nº 01) *"Os livros já se encontravam no CRED". (prof.*

"Muitas vezes quando escolhemos o livro pelo catálogo do MEC, recebemos outro completamente diferente." (prof. nº 02)

Embora o professor tenha o direito de escolher o livro, na prática isso não acontece. Acomoda-se e submete à vontade dos outros parcimoniosamente, adotando livros segundo a indicação de terceiros ou mesmo pela sua aparência, pelo título sugestivo, sem um exame minucioso como afirma FREITAG et alii (1993),

"...os professores não escolhem o livro depois de um exame minucioso do conteúdo ou de uma experiência prévia com alunos, mas basicamente movidos pelo comodismo e conformismo..."

Essa atitude assimétrica do professor deve-se ao pouco conhecimento acerca desse material e da sua própria prática, considerando-o como sendo de suma importância para a aprendizagem da criança, de acordo com o que foi dito pelos próprios professores:

"Sem o livro fica difícil para o aluno aprender". (prof. nº 01)

"Ferde-se muito tempo ao ter que copiar tudo no quadro." (prof. nº 02)

"É muito ruim ensinar sem o livro." (prof. nº 03)

Parafraseando FREITAG et alii (1993), a desinformação do professor decorrente dos seus próprios hábitos não ler, ou ler pouco, são a nosso ver uma possível explicação para a dificuldade que tem os professores de avaliar e escolher seu livro didático criteriosamente, justificando mal sua escolha, ou não a justificando de todo.

Além disso, a desvalorização e as suas precárias condições de trabalho se constituem em outro fator para o uso fortuito do livro didático, fazendo jus a declaração de SERPA In EM ABERTO (1987).

"Em decorrência da falta de consciência profissional, despreparo do professor, carga horária excessiva, falta de recursos didáticos e financeiros e péssimos salários, o livro didático se tornou o elemento central da prática educativa."

Mesmo com todos esses agravantes, a posse do livro não exclui a possibilidade do professor dispor de outros materiais como assegura CARVALHO (s/d):

"... o livro didático (...) poderá ser trabalhado como motivador, como obra de consulta e de leitura lúdica..."

A visão unilateral propedêutica não permite alargar-se para outros caminhos e enxergar quão proveitosas se tornaria as aulas acrescidas de outros recursos educativos.

Entretanto, os professores justificam suas ações alegando não poder fazer mais em face às condições financeiras da escola e pessoais, segundo suas próprias palavras:

"A escola não dispõe de recursos para realizarmos uma atividade diferente." (prof. nº 01).

"O professor ganha mal e tem que trabalhar em outro lugar para se manter, ficando sem tempo para se preparar." (prof. nº 02)

Apesar das dificuldades enfrentadas, pelos professores conforme seus depoimentos, ele deve despertar no aluno a necessidade de obras de consultas, jornais, revistas, para que o interesse pelo mundo da leitura escrita seja despertado nos alunos

Durante os estudos, discutimos formas de trabalhar com o livro didático a partir do próprio acervo que a escola possui - a literatura infantil. Também, destacamos que mesmo o texto didático deformador pode ser utilizado numa perspectiva de desenvolver o senso crítico do educando, confrontando-o com sua realidade como garanti FREITAG et alii (1993):

"... sendo a ideologia uma forma de apresentação distorcida do real, ela poderia constituir um excelente material para melhor compreensão deste mesmo real, desde que devidamente interpretada..."

Todavia, para efetivação de um trabalho transformador neste campo, é mister uma integração da escola e da comunidade que atende, haja vista que no momento essa conjunção não ocorrer segundo seus próprios depoimentos:

"Os pais não participam da aprendizagem dos filhos." (prof. nº 01)

"Tudo fica a cargo do professor". (prof. nº 02)

- 9
- "Falta um maior contato da direção com os docentes", (prof. nº 03)

Contudo, para convivermos com esta situação, precisamos encontrar caminhos que suavizem a ação pedagógica, e isso implica num esforço coletivo, tanto por parte dos envolvidos no processo educativo, como pelas autoridades governamentais, assegurando ao livro seu valor didático, segundo FREITAS et alii (1993):

"... a defesa da qualidade do livro didático implica um esforço coletivo não somente de avaliação justa, mas também um esforço financeiro, para assegurar que o produto não tenha somente valor de troca, mas efetivamente valor de uso para o aluno."

Concluído os estudos, comprovamos quão útil e necessário foram as informações passadas, dada a necessidade sentida pelos docentes de uma reciclagem permanente, onde uma delas expressou:

- "Esses encontros serviram para nos alertar, já que não temos por parte do governo uma reciclagem constante." (prof. nº 01).
- "Como as coisas mudam, precisamos conhecer as novas formas de ensinar." (prof. nº 02)

Assim, é importante analisar com seriedade, as possibilidades materiais humanos oferecidos pela escola, que possam facilitar a elucidação e explicitação dos conteúdos, servindo de reforço e estímulo para a aprendizagem.

METODOLOGIA

Para sistematizar nosso estudo buscamos uma metodologia que nos possibilitasse compreender as potencialidades e limitações do livro didático no interior da escola. Procedemos assim, uma revisão bibliográfica, com os respectivos fichamentos para melhor apreensão do conteúdo. Em seguida, debatemos com a professora orientadora, que muito nos ajudou a refletir sobre a questão.

Feita essa abordagem teórica, iniciou-se os seminários internos, onde cada equipe expôs seu tema de estudo. Empenhamo-nos avidamente para tornar claro nosso estudo, que não tem merecido a atenção necessária dos especialistas na questão.

A partir daí, partimos para o campo de estágio. Realizamos observações em sala de aula para verificarmos como o professor utiliza o livro didático, a importância que lhe é atribuída. Depois disso, realizamos um programa de estudo com os professores, analisando o próprio livro adotado, entre outros, com discussões e relatos de experiências.

No momento final, demos início a elaboração da monografia registrando os acontecimentos vividos.

CONCLUSÃO

Através dos estudos realizados e da atuação no campo de estágio, constatamos que o livro didático é um elemento tão presente na sala quanto o professor.

Pudemos perceber também, que o livro didático não é um complemento da atividade docente, mas o único instrumento de ação pedagógica na realidade da escola pública, cuja a dependência ao livro automatiza o trabalho em sala de aula e transforma os seus usuários em escravos, em conformidade com as palavras de FREITAG et alii (1993):

"... professores e alunos tornaram-se seus escravos, perdendo a autonomia e o senso crítico que o próprio processo de ensino-aprendizagem deveria criar."

Consideramos de suma importância a realização deste trabalho, por ter-nos favorecido ver "in loco" como se processa o ensino, o tipo de instrução e formação que recebem as crianças utilitárias do livro didático.

Ficou evidente, a necessidade de discussão, no interior das escolas, de um trabalho pedagógico na tentativa de reverter o quadro que ora se apresenta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"... O livro didático insere-se, em uma grande maquinaria na qual ele parece exercer um papel, 'insignificante', que à medida que vai sendo elucidado, revela-se de importância estratégica para a existência e funcionamento do sistema educacional como um todo..."

(FREITAS, et alii. 1993)

Concluído este trabalho descobrimos que no decorrer de cada leitura sugerida para essa proposta, representava mais um ponto de partida para se discutir o tema em questão.

Tomamos conhecimento também, que para ser profissional hábil e eficiente não basta somente a teoria que se adquire nas escolas, mas que se deve também vivenciar a realidade, ou seja, prática, pois além da importância facilita a aprendizagem.

Este trabalho foi de uma representatividade profunda, desde o aprofundamento teórico até a produção escrita. Foram momentos de muita renúncia e dedicação.

Não pode existir considerações definitivas, não é justo considerar que qualquer produção de conhecimento, seja ela escrita por quem for, como algo acabado. Espero que aqueles que venham a ler esta produção possam criticá-la contribuindo com a reflexão acerca do livro didático.

REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS

CARVALHO, Nelly. O livro didático e o professor. In: JORNAL DA ALFABETIZADORA Nº 14. Porto Alegre, KUARUP, s/d.

EM ABERTO/INEP (ed.): O Livro Didático: Velho tema, revisitado. Brasília, ano VI, nº 35, jul-set. 1987.

FREITAG, Barbara et alii. - O livro didático em questão. - 2ª edição - São Paulo, Cortez, 1993.

NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. As belas mentiras: A ideologia subjacentes dos textos didáticos. 11ª ed. - São Paulo; Moraes, 1978.

REVISTA NOVA ESCOLA, Nº 21 MAIO/88.

REVISTA NOVA ESCOLA, Nº 41 AGO/90.

REVISTA NOVA ESCOLA, Nº 79 OUT/94.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CAMPUS V
D.E.
CURSO: PEDAGOGIA
DISCIPLINA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SU-
PERVISÃO ESCOLAR
PERÍODO. 95.1

TEMA: O Estágio Supervisionado do
Pedagogo Supervisor: Propos-
tas de Ação

Orientadora do Estágio: Prof^ª. Idelsui-
te Sousa Lima

Cajazeiras-PB
1995

I - APRESENTAÇÃO, JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS.

De modo geral é no momento do estágio curricular que se dá a passagem de estudante para profissional. É nesse momento que ele descobre na sua formação: suas mazelas, suas inconsistências teórica-metodológicas, seus pontos críticos. Enfim, a "caixa-preta" da sua formação.

Essa situação, já antiga, impõe aos professores de estágio curricular tarefas desafiantes, no sentido de tentar reconstruir em, no máximo dois períodos letivos, toda trajetória acadêmica dos alunos e conceber essa atividade como um período de preparação a iniciação profissional.

Nesse sentido, pensamos que o Estágio Curricular em Supervisão Escolar que ora orientamos deverá contribuir para a formação do pedagogo-supervisor, no sentido de proporcionar uma maior compreensão teórico-metodológica dos fenômenos educativos, bem como aproximá-lo dos problemas intra-escolares na perspectiva de vislumbrar saídas a partir de embasamento teórico e da prática coletiva no âmbito das escolas, considerando que será ele, enquanto profissional da educação, um dos elementos agilizadores de processos escolares que possam significar um novo tipo de educação que atenda aos interesses e anseios da sociedade brasileira.

A nossa proposta de trabalho para o Estágio Supervisionado em Supervisão Escolar permitirá que os alunos tentem os fundamentos teóricos adquiridos ao longo do curso de Pedagogia às tentativas operacionais das suas propostas de ação, veiculando o saber sistematizado à realidade das escolas, campo de trabalho, fortalecendo dessa forma, a produção do conhecimento e a sua formação enquanto educador consciente e comprometido com a realidade brasileira.

II-CONTEÚDOS:

TEMÁTICAS OPERACIONAIS:

* Planejar para que? uma proposta de planejamento na escola X.

* O livro-texto como recurso didático: potencialidades e limitações.

* Alfabetização: confronto de teorias X aprendizagem em escolas públicas, privadas e alternativas.

* Conto de fadas ou realidade? um estudo de História do Brasil na 5ª série.

* Ciclos de pais e mestres em escolas rurais: para além da tentativa de aproximação.

* Livro didático: seu papel no processo ensino-aprendizagem.

III - METODOLOGIA:

A proposta do curso para o Estágio Supervisionado será desenvolvida basicamente em duas etapas: uma teórica e outra prática.

A primeira constará de uma revisão bibliográfica para aprofundamento teórico e organização da abordagem do campo, que caracterizará a segunda etapa da proposta.

Faz parte também dessa proposta, organizar eventos internos (seminários, encontros, mesa redonda, etc.), onde os estagiários relatarão suas experiências, ao tempo em que sistematizarão seus conhecimentos no confronto com a problemática da ação supervisora. Dessa forma, os alunos terão oportunidades de transmitir suas experiências profissionais e ou acadêmicas.

IV - AVALIAÇÃO

A avaliação compreenderá:

1- O processo de produção intelectual da aluna (as condições em que este se deu, a finalidade do instrumental teórico, a bibliografia, etc.);

2- A própria produção (aprofundamento teórico, a escrita, a redação, a qualidade, etc.);

3- Desempenho e o nível de qualidade na realização dos eventos internos;

4- A defesa do trabalho perante a banca examinadora (se for o caso).

V - REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ABREU e MASETTO. O professor universitário em sala de aula. São Paulo, Cortez.

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado: notas sobre aparelhos ideológicos do Estado. Tradução de Wagner J. de Evangelista e

- Maria L. V. Castro. 2.ed. Rio de Janeiro, 1985.
- ARROYO, M. G. Pátria amada, ignorada. EM ABERTO. Brasília, 7:(37) jan/mar. 1988.
- AZENHA, M. G. Construtivismo - de Piaget a Emília Ferreira. S. Paulo, Princípios, 1983.
- BARROS, Aidil J.P e LEHFELD, N.A.S. Projeto de pesquisa: propostas metodológicas. Petrópolis, Vozes, 1991.
- BUARQUE, L.L. e REGO, L.L.B. Alfabetização e construtivismo: teoria e prática. Recife, Ed. Universitaria, 1994.
- CARDOSO, B. e TEBEROSKY, A. Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita. 5. ed. Petrópolis, Vozes, 1993.
- CARVALHO, M.C.M. (org.). Construindo o saber 4 ed. Campinas, Papirus, 1994.
- CHARLOT, B. A mistificação Pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- DEIRÓ, M.C.L. As belas mentiras. 11. ed. São Paulo, Moraes, 1978.
- FARIA, A.L.G. Ideologia do livro didático. São Paulo, Cortez, 1986.
- FEIL, I.T.S. Alfabetização - desafio novo para um novo tempo. Petrópolis, Vozes, 1987.
- FERREIRO, E. Reflexões sobre alfabetização. 22. ed. São Paulo, Cortez, 1993.
- FREITAS, B. et. al. O livro didático em questão. São Paulo, Cortez, 1993.
- MOLINA, D. Quem engana quem? O professor x livro didático. ed. Campinas, Papirus, 1988.
- ROSA, S. S. Construtivismo e mudança. 2. ed. São Paulo, Cortez, 1994.
- SOARES, G. M. R. Estudo comparativo de métodos de ensino da leitura e da escrita - 3. ed. Papilaria Américas Editora, 1983.
- TURRA, et. al. Planejamento de ensino e avaliação. São Paulo, Sagra.
- VIGOLVINO, M. D. Mulher professora leiga: vida e trabalho. Dissertação de Mestrado- PUC - RJ. 1989.

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

ATIVIDADE	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO
Revisão Bibliográfica	X					
Org. dos Seminários	X	X				
Seminários			X			
Ingresso no Campo de Estágio			X	X	X	
Atendimento personalizado para discussão da proposta vivenciada					X	
Produção e apresentação da monografia.		X	X	X	X	X

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

**O LIVRO TEXTO COMO RECURSO DIDÁTICO..
POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES**

ELABORADO POR..

Keilane Maria de Oliveira
Alciseuda Bezerra Bandeira
Maria Eliana Oliveira de Souza
Josefa Rosa Filgueira Bezerra
Maria do Socorro Oliveira de Souza
Hanrieth Bignon Mello

ORIENTADORA..

Idelsuite de Sousa Lima

Cajazeiras, 1995.

OBJETIVOS

- Aprofundar os conhecimentos sobre a utilização do livro texto como recurso didático.
- Analisar os conteúdos e os exercícios propostos no livro didático junto aos professores da escola pública.
- Promover estudos com os professores, numa perspectiva de encontrar outra forma de trabalhar o livro didático.

METODOLOGIA

"A metodologia é um guia para um estudo sistemático do enunciado e compreensão de problema."

(RUDIO, 1980. p. 15).

Sendo a metodologia uma condição necessária para um bom desempenho de uma atividade, sobretudo de natureza acadêmica, compreendemos ser fundamental planejar o modo como este trabalho será realizado.

A nossa proposta de trabalho, consiste em analisar, o livro texto utilizado por professores que lecionam de 1ª a 4ª séries em escolas Públicas-Municipais na cidade de Cajazeiras-Paraíba.

Iniciamos nosso trabalho realizando visitas às escolas onde faremos os primeiros contatos, visando conhecer a comunidade escolar, a organização e o funcionamento geral da escola.

Optamos metodologicamente pela observação participante por ser um instrumento adequado para apreender o nosso objeto de estudo, na medida em que poderemos acompanhar "in loco" o dia-a-dia dos sujeitos, o significado que eles dão à realidade que os rodeia e as suas próprias atitudes.

A partir dos dados coletados, pretendemos realizar sessões de estudo com os professores para analisarmos como são utilizados os livros didáticos, e juntos tentarmos encontrar uma outra forma de trabalhá-lo, dando uma nova perspectiva ao processo ensino-aprendizagem.

De posse dessa compreensão elaboraremos a monografia, descrevendo toda experiência vivida.

JUSTIFICATIVA

A história do livro didático no Brasil é permeada pela falta de uma política definida para a questão, sendo pautada "por decretos-leis e medidas governamentais que se sucedem, a partir de 1930". (FREITAS, 1993)

Para compreendermos como o livro didático veio a ser introduzido no campo educacional brasileiro é necessário analisarmos o contexto histórico nacional que ocorria no Brasil, no período que antecedeu a 1930.

A década de 20 caracterizou-se, conforme narra PEDRO (1987) "por imensas lutas políticas e sociais que questionavam o domínio das aristocracias cafeeiras de São Paulo. Greves e levantes militares eram as formas de protesto contra o poder dos cafeicultores."

Economicamente, o Brasil não conseguia manter o mercado comprador de café, pois os países que adquiriam nosso produto desvalorizavam-no cada vez mais.

Os oficiais de escalões mais baixos do exército se revoltaram contra o domínio exclusivo dos cafeicultores. Levantaram-se em movimentos armados e violentos contra os donos do poder na república velha. Esses jovens oficiais militares passaram a ser importantes personagens no cenário político brasileiro.

Foi o acúmulo desses antagonismos que desencadeou a chamada revolução de 1930, que mudou importantes aspectos da evolução de nossa história.

A revolução de 1930, pretendia "além da modernização do país, a urbanização, a revolução industrial, a democratização da vida política e outras". (LIMA s/d) Assim, o grande impeto para o desenvolvimento do país e a inserção nos quadros do capitalismo mundial foi a industrialização.

Todavia, essa "modernização" exigia mão-de-obra especializada, de modo que a educação não podia permanecer alheia às mudanças. Assim, para atender as exigências do mercado, estruturava-se uma polícia educacional, que até então não era definida. "Fixa-se definitivamente um sistema escolar seriado, implanta-se o ensino, cria-se o MEC". (LIMA, s/d)

Estabelecido o sistema educacional, avoluma-se a quantidade de normas deliberativas legislando todos os aspectos da educação nacional sob a jurisdição desse ministério.

No bojo dessa legislação surgem a partir daí os muitos decretos sobre a questão do livro didático. Tais medidas

e decretos são definidos isoladamente, sem a participação de professores, pais, alunos, sindicatos e outras categorias que pudessem intervir de forma direta ou indireta na feitura do livro didático.

Parafraseando FREITAG et alii (1993) concluímos que há pouca preocupação com a dimensão do livro didático seja por parte dos historiadores, seja por parte dos autores especializados o que faz com que não haja sistematização da história do surgimento do livro didático no Brasil somadas as discrepâncias da sua função.

Do mesmo modo, a pesquisa sobre o livro didático não tem merecido destaque por parte dos pesquisadores, com exceção de algumas iniciativas esporádicas e muito recentemente a partir dos anos 80.

Cumpramos todavia, salientar que a discussão em torno do livro didático no Brasil está diretamente relacionada com a questão do sistema educacional e por consequência com a análise mais geral do contexto histórico nacional, o que é reforçado por FREITAG et alii (1993):

"O livro didático não pode ser estudado de forma isolada em si", mas pressupõe o mapeamento das estruturas de poder e econômicas da sociedade brasileira para que compreendamos o seu funcionamento". (p.127)

De forma pronta e acabada, os livros didáticos no decorrer da história são introduzidos na sala de aula, sem considerar os níveis e as particularidades da cada turma, constituindo-se muitas vezes em elemento decisivo no processo ensino aprendizagem.

Assim o livro didático assume este caráter determinante, diante das inúmeras atividades que o professor é obrigado a exercer, trabalhando muitas vezes em três turnos em várias escolas, não dispondo de tempo para estudo e preparação das aulas, na busca incessante de sobrevivência diante das condições porque passa o profissional do magistério, no atual quadro da sociedade brasileira, o que se pode confirmar nas palavras de CARVALHO (s/d).

"Entre os materiais didáticos, é este o elemento mais decisivo no ensino, no atual estado da escola brasileira..."

Diante disso, o livro didático, instrumento auxiliar do professor, desempenha um papel preponderante no dia-a-dia do educador. Todavia, ele não pode ser visto isolado da ação pedagógica, mas deve ter correlação com os demais elementos do processo educativo.

24

Parafraseando FREITAG et alii (1993) verifica-se que os livros didáticos como produto de uma indústria cultural tem a função de ocupar espaços, preencher vazios, com a finalidade de impedir que os consumidores se dêem conta das contradições materiais em que vivem e das relações de produção que prevalecem na sociedade de consumo.

Sendo assim, o livro didático assume o caráter de todo produto da indústria cultural, ou seja, seus conteúdos são reproduzidos anualmente sem renovação, com o objetivo de idiotizar os consumidores no caso - professores e alunos - garantindo o seu poder de lucro desviando sua função de educar para se tornar mercadoria.

Entretanto, o que deve ser também questionado não é o fato da sua existência, mas a forma como são trabalhados os conteúdos ministrados pelo professor com base no livro didático.

Comumente, se diz que os conteúdos são desvinculados da realidade, no entanto, eles têm uma realidade a cumprir, como enfatiza FARIA (1994)..

"O livro didático não é desligado da realidade, ele tem uma função a cumprir: reproduzir a ideologia dominante. A ideologia dominante também não é desligada da realidade, ela também tem um papel e o cumpre..." (p. 71)

Nesse contexto, a escola como um dos aparelhos ideológicos do estado, desempenha sua função de inculcação da ideologia dominante. Como diz ALTHUSSER: "... A escola ensina 'saberes práticos', mas em moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante..."

Esses saberes práticos são transmitidos através do conteúdo curriculares. Uma das formas que a escola encontra para desenvolver seus conteúdos é através do livro didático. Esse muitas vezes impede que as crianças sobretudo, os filhos dos trabalhadores adquiram, organizem e formulem a sua própria ideologia.

De fato, a ideologia burguesa é veiculada no livro didático com o propósito de continuar o processo hegemônico de dominação e exploração sobre a classe proletariada. Isto se dá por intermédio dos conteúdos e ilustrações que referem-se a ambientes e vivências da criança burguesa, distanciando-se da realidade da criança carente, que também se utiliza no livro didático.

Diante da questão supracitada, alguns pesquisadores dentre eles Belloni e Silva (1983), apontam como solução a regionalização desse material didático, defendendo que só assim haveria condições de trabalhar de acordo com a realidade próxima do aluno.

Dessa forma, a discussão em torno da regionalização toma longo alcance, pelo aspecto dúbio com que se apresentam, ao reduzir a oportunidade de alargar os conhecimentos e reforçar a exclusão dos já excluídos da sociedade. Sem contar com a questão, particularmente dos nordestinos que são tratados diferentemente dos povos do sul do país, em todos os aspectos preponderantemente do ponto de vista intelectual/cultural.

Ademais, a regionalização no atual sistema educacional brasileiro e por consequência, da sociedade como todo tem um caráter de limitação do universo vocabular. Nos apoiamos em FREITAG, et alii (1993) para afirmar que:

"A regionalização do livro didático no Brasil somente teria condições de produzir um livro de melhor qualidade se ocorresse uma reestruturação global do sistema educacional e uma elevação geral do nível de profissionalização de todos os agentes envolvidos". (p.38)

Com efeito, essa reestruturação precisa ser efetivada. Entretanto, da forma como está estabelecida a classe oprimida nada teria a ganhar com a regionalização do livro didático porque seu conhecimento ficaria de forma restrita, limitada somente a seu meio, impedindo que haja uma preparação maior de cidadãos conscientes para a realidade na qual vivemos, o que pode ser constatado por FREITAG et alii (1993):

"A limitação da criança à (...) sua comunidade a restringe a um universo muito limitado, sendo necessário, via escola, dar a essa criança a oportunidade de ter acesso a língua de cultura, com a qual se abrem seus horizontes para o mundo, além das fronteiras de sua comunidade ou favela". (p.34)

Retratar-se somente as vivências da criança nua e crua, não iria contribuir em nada para superá-las, ao contrário iria sedimentar cada vez mais as desigualdades. Segundo, cabe ao professor a séria responsabilidade de trabalhar os conteúdos numa perspectiva que busque meios de evitar a consolidação do processo de marginalização e sua condição de classe.

Nesse enfoque, a concepção ideológica do professor se constitui no ponto crítico da questão, por ser ele o mediador entre o conteúdo do livro didático e a metodologia utilizada para trabalhar tais conteúdos.

Outra questão em foco, é o direito atribuído ao professor de escolher o livro. Encontra-se aqui um grande paradoxo, pois na sua prática cotidiana o professor não encontra respaldo para efetuar-lo eficazmente, seguindo os requisitos necessários para se fazer um escolha criteriosa. Como nos assegura LAJOLA (1987):

"O direito que tem o professor de escolher o livro com o qual vai trabalhar choca-se na prática, com a falta de condições concretas para exercer este direito..."

Em face a essa situação contrastante é mister repensar as condições em que são escolhidos os livros didáticos para adoção nas escolas. Ela é feita sem análise, sem reflexão, só com base no catálogo distribuído pelo MEC. A maioria dos professores não tem acesso ao exemplar e termina escolhendo pelo título ou por indicação de terceiros.

Assim, pouco adianta ter o poder de escolher quando não se sabe o que e como escolher. Conforme salienta SOARES (1994):

"Nosso problema crítico é a formação do professor. É preciso fazer uma reformulação dos cursos 2º graus, assim como do superior, inserindo conteúdos com que o professor vai ensinar (...). É preciso um grande investimento na formação dos professores, porque são eles quem escolhem os livros."

(Revista Nova Escola, nº 79 / OUT. 1994)

Diante da inércia de alguns professores, o aluno utiliza o livro, fica em segundo plano. A preocupação reside na mediatização dos conteúdos, sem considerar as necessidades e afinidades do educando.

O que se percebe é que os livros, aos quais a maioria das crianças tem acesso, omitem as dificuldades de um sociedade em contradições, onde uma minoria tem condições favoráveis de estudar, alimentar-se, viver, e a grande maioria confronta-se com a escassez de alimentos, moradias e outros fatores indispensáveis à vida do ser humano.

Os conteúdos livrescos quase não apresentam essas diferenças e quando as ilustram é como se fossem características naturais entre os homens, fazendo-se crer que todos são afetados quando na verdade os prejudicados são aqueles que confrontam-se dia-a-dia com esse antagonismo.

A escola por sua vez, difunde essa contradição, sendo mais um veículo de inculcação ideológica, que se dá de forma organizada e planejada, garantindo a estabilidade do sistema social contribuindo para que os educandos sejam passivos e conformistas com a sua condição de vida, segundo afirma FARIA (1994).

"A educação na sociedade capitalista tem a escola como um dos instrumentos de sua dominação, cujo papel é o de reproduzir a sociedade burguesa, através da sua ideologia..." (p. 06)

Com isso, a escola baseia-se num modelo autoritário, onde as crianças devem respeitar, obedecer e seguir ordens e padrões preestabelecidos, conseguindo dessa forma, "transformá-los em seres obedientes e provavelmente, cidadãos pouco criativos, conformados diante de toda e qualquer autoridade, seguindo todos, que se agem seguindo ordens". (DEIRÓ, 1989, p. 75)

Desse modo, a escola reforça através do livro didático o processo de dominação sobre a classe trabalhadora, reproduzindo os interesses do capital, não desenvolvendo o senso crítico do aluno, segundo nos assegura FARIA (1994).

"... O livro sistematiza a ideologia burguesa, amortiza o conflito realidade x discurso, dizendo que o verdadeiro é segundo. (...) Assim, o livro didático contribui para a reprodução da classe operária..." (p. 77)

Diante dessas considerações surgem algumas implicações acerca do livro didático que nos instiga a analisar quais as suas potencialidades e limitações no cerne do processo ensino-aprendizagem na realidade objetiva da nossas escolas.

O livro didático constitui-se ate certo ponto em vilão por viabilizar mensagens ideologizadoras e deformadoras. Entre estas podemos destacar a relação entre os brancos e índios apresentados nos livros, como enfatiza DEIRÓ (1981), *"que se dá de forma estereotipada e vertical, onde os primeiros são os doadores das verdadeira cultura, e civilização superior, enquanto os segundos são os receptores selvagens e ignorantes"*.

Ainda em relação ao que é difundido pelo livro, ALTHUSSER (1985) mostra que *"muitas das virtudes (modéstia, resignação, submissão, etc.) que se aprendem são naturalmente encobertas e dissimuladas por uma ideologia da Escola universalmente aceita, que é uma das formas essenciais da ideologia burguesa dominante"*.

28

Por outro lado, o livro didático torna-se necessário por ser o único elo que algumas crianças tem com a escrita, em escolas onde não há acesso a nenhum outro material didático. Conforme salienta CARVALHO (s/d):

"O livro didático é um mediador necessário por corporificar a forma escrita das escolas da rede pública, nas escolas da periferia e do interior, onde não tem nem sequer jornal e revista."

Confirmando essa posição MOLINA (1988) destaca que o livro didático adquire especial importância quando se atenta para o fato de que ele pode ser muitas vezes, o único livro com o qual a criança tem contato.

Dai ser necessário uma reflexão mais profunda acerca desse material didático no sentido de analisar até que ponto ele se constitui um elemento de interferência positiva ou negativa no processo ensino-aprendizagem.

Assim, consideramos importante estudar essa temática por oportunizar uma reflexão crítica do problema, dando-nos condições como supervisoras de contribuir com os professores em busca de uma outra forma de trabalhar o livro didático.

CRONOGRAMA

ATIVIDADE	MESES / SEMANAS																			
	ABRIL				MAIO				JUNHO				JULHO				AGOSTO			
	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª
Revisão Bibliográfica	X	X	X	X																
Visita a Escola	X	X																		
Obs. em Sala de Aula					X	X	X	X	X	X										
Estudo c/ Professores											X		X	X	X					
Elaboração do Trabalho Final					X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Apresentação da Monografia																	X			

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. ALTHUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos de Estado. 2ª edição. Edições Graal, Rio de Janeiro, 1985.
02. CARVALHO, Nelly. O livro didático e o professor. In: JORNAL DA ALFABETIZADORA Nº 14. Porto Alegre, KUARUP, s/d.
03. EM ABERTO/INEP (ed.): O Livro Didático: Velho tema, revisitado. Brasília, ano VI, nº 35, jul-set. 1987.
04. FARIA, Ana Lúcia G. de. Ideologia no livro didático - 11ª ed. - São Paulo, Cortez, 1993.
05. FREITAG, Barbara et alii. - O livro didático em questão. - 2ª edição - São Paulo, Cortez, 1993.
06. LIMA, Lauro de Oliveira. Estórias da Educação no Brasil: de pombal a passarinho. 3ª ed. Rio de Janeiro, Ed. Brasilia, s/d.
07. MOLINA, Olga. Quem engana quem: professor X livro didático - 2ª ed. Campinas, S.P... Papyrus, 1988.
08. NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. As belas mentiras: A ideologia subjacentes dos textos didáticos. 11ª ed. - São Paulo, Moraes, 1978.
09. PEDRO, Antônio. História do Brasil. São Paulo: FTD, 1987.
10. REVISTA NOVA ESCOLA, Nº 79 / OUT. 1994.

Instituição: Escola Estadual de 1º Grau Pedro Américo

Reunião com os professores do turno da tarde

Data: 20/06/95

Horário: 15:30 hs

Local: Sala de Reunião

Participantes: Diretora, professoras e estagiárias.

Objetivos: - Discutir a problemática do livro didático no cenário educacional brasileiros.

- Refletir a influência das condições de vida do professor no uso estereotipado do livro didático.

- Identificar o livro como produto da indústria cultural.

PAUTA

I - Abertura;

II - Técnica; (tempestade cerebral)

III - Exposição oral: o livro didático e seus percalços;

IV - Trabalho em grupo;

V - Debate;

VI - Avaliação;

VII - Encerramento.

O Livro Didático e seus percalços

A questão do livro didático é sem sombra de dúvida um assunto polêmico que tem induzido alguns autores especializados a estudá-lo mais profundamente, na tentativa de encontrar uma solução para uma melhor adequação no processo ensino-aprendizagem, dando-lhe uma nova perspectiva.

É sabido por todos que a questão em torno do livro didático não tem merecido a atenção necessária, tendo sido na maioria das vezes alvo de críticas, tanto pelos professores como pelos historiadores. Como nos assegura FREITAG et alii (1993):

"Há pouca preocupação com a dimensão do livro didático, seja por parte dos historiadores, seja por parte dos autores especializados..."

Cumpre-nos todavia salientar que a discussão em torno do livro didático no Brasil está diretamente relacionada com a questão do sistema educacional e por consequência com a análise geral do contexto histórico nacional. A questão do livro envolve os aspectos sociais, econômicos e políticos, não podendo ser analisado isoladamente, o que é reforçado por FREITAG et alii (1993):

"O livro didático não pode ser estudado de forma isolado em si, mas pressupõe o mapeamento das estruturas de poder e econômicas da sociedade brasileira para que compreendamos o seu funcionamento..."

Numa sociedade dividida em classe como a nossa, onde uns poucos tem acesso a tudo e a grande maioria é excluída dos benefícios da sociedade, quer seja do ponto de vista econômico quer seja social, as questões acerca do processo educativo se constituem em mais um elemento dessa estrutura de poder que manipula tudo e todos em torno de seus interesses.

Todavia, como não existe uma reflexão sob este aspecto que estão inteiramente relacionados, os livros didáticos no decorrer da história são introduzidos na sala de aula sem considerar os níveis e as particularidades de cada turma, constituindo-se muitas vezes em elementos decisivos no processo ensino-aprendizagem.

Embora seja um instrumento necessário, que estabelece o roteiro de trabalhos para o ano letivo, dosa as atividades de cada professor no dia-a-dia da sala de aula e ocupa os alunos sejam em classe ou em casa, não deve tornar-se amo do

professor e do aluno. Deve ser um mediador auxiliar das atividades do docente complementado por outros recursos.

Outra questão relevante que contribuiu para a inserção do livro didático como se fosse uma Bíblia nas salas de aula, são as inúmeras atividades que o professor é obrigado a exercer, trabalhando muitas vezes três turnos em várias escolas, não dispondo de tempo para estudo e preparação das aulas, na busca incessante de sobrevivência diante das condições por que passa o profissional do magistério, no atual quadro da sociedade brasileira, o que se pode confirmar nas palavras de CARVALHO (s/d):

"Entre os materiais didáticos, é este o elemento mais decisivo no ensino, no atual estado da escola brasileira..."

Diante disso, o livro didático, instrumento auxiliar do professor, desempenha um papel preponderante no dia-a-dia do educador. Todavia, ele não pode ser visto isolado da ação pedagógica, mas deve ter correlação com os demais elementos do processo educativo.

Em consonância com a situação, deparamo-nos também com o fato de o livro ter adquirido ao longo dos anos um caráter mercadológico, transformando-se em produto da indústria cultural, ou seja, tem se tornado uma fonte de lucro para as editoras sendo reproduzidos anualmente sem renovação, objetivando manter o consumidor alheio ao processo de produção da sociedade de consumo, segundo nos afirma FREITAG et alii (1993) quando diz:

"... os livros didáticos como produto de uma indústria cultural têm a função de ocupar espaços, preencher vazios, com a finalidade de impedir que os consumidores se dêem conta das contradições em que vivem..."

Sendo assim, o livro didático perdeu sua autenticidade, por não ter mais o caráter educativo e sim de mercadoria. Como mercadoria apresenta algumas características:

1. Produção em grandes quantidades destinadas a grande massa,
2. Padronização: as diferenças entre o livro e outros são mínimas,
3. Perecibilidade: pouca durabilidade.

Como nos mostra FREITAG et alii (1993) antes de 64, os livros didáticos de autores como Aroldo de Azevedo, Joaquim Silva ou Carlos Laet que eram informativos e de excelente nível, comparando aos compêndios ilustrados mas pouco substan-

ciosos dos dias de hoje, foram totalmente abolido das escolas, em vez de serem atualizados, melhorados e complementados por outros materiais de apoio. Seu espaço foi substituído pelos livros didáticos, via de regras de má qualidade e coloridos que hoje recebem as críticas de quase todos os cientistas especializados no assunto.

Deste modo, não há como esconder a baixa qualidade dos livros didáticos em uso. Alguns apresentam conceitos errados ou mal formulados ou incompletos, e que confundem o aluno e o desestimula a pegar no livro para estudar. Há também muitos livros mal redigidos que pecam ora pelo excesso de dados absolutamente supérfluo, ora pela síntese extrema que impede a capacitação e compreensão do assunto por parte do aluno.

Portanto, a melhor qualidade do livro didático viabiliza um ensino de melhor qualidade, o qual, por depender também da qualidade do livro escolar pode, conseqüentemente, ter nele um poderoso aliado ou um adversário respeitável.

Elaborado por:

Keilane Maria de Oliveira
Josefa Rosa F. Bezerra

Instituição: Escola Estadual de 1ª Grau Pedro Américo

Reunião com os professores do turno da tarde

Data: 12/07/95

Horário: 15:30 hs

Local: Sala de Reunião

Participantes: Diretora, professoras e estagiárias.

Objetivos: - Refletir sobre os conteúdos apresentados no livro didático.
- Analisar os exercícios propostos no livro didático.
- Identificar as vantagens e desvantagens da regionalização.

PAUTA

1. - Abertura,
2. - Técnica: Eu tenho valor;
3. - Exposição oral: o livro didático: o conteúdo em questão.
 - 3.1. - Análise dos exercícios do livro didático;
 - 3.2. - Análise textual.
 - 3.3. - Debate.
4. - Avaliação;
5. - Encerramento.

O livro didático: o conteúdo em questão

No primeiro estudo realizado destacamos o fato de que poucos estudos haviam tratado da dimensão do livro didático, porém o problema se inverte no que diz respeito ao conteúdo. Praticamente todos os estudos realizados no Brasil sobre o livro didático tem como dimensão de análise o seu conteúdo.

De fato o que se questiona não é a sua existência, mas a forma como são trabalhados os conteúdos ministrados pelo professor com base livro didático.

Comumente, se diz que os livros apresentam conteúdos desvinculados da realidade, no entanto, eles têm uma realidade a cumprir, como enfatiza FARIA (1994):

"O livro didático não é desligado da realidade, ele tem uma função a cumprir: reproduzir a ideologia dominante. A ideologia dominante também não é desligado da realidade, ela também tem um papel a cumprir..."

Nesse contexto, a escola como um dos aparelhos ideológicos, ao Estado, desempenha uma função de inculcação da ideologia dominante. Como diz ALTHUSSER: "... a escola ensina 'saberes práticos', mas em moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante..."

Esse saberes práticos são transmitidos através dos conteúdos curriculares. Uma das formas que a escola encontra para desenvolver seus conteúdos é através do livro didático. Esse muitas vezes impede que as crianças sobretudo, os filhos dos trabalhadores adquiram, organizem e formulem sua própria ideologia.

De fato, a ideologia burguesa é veiculada no livro didático com o propósito de continuar o processo hegemônico de dominação e exploração sobre a classe proletariada. Isto se dá por intermédio dos conteúdos e ilustrações que referem-se a ambientes e vivência da criança burguesa, distanciando-se da realidade da criança carente que também se utiliza do livro didático.

Diante da questão supra citada, alguns pesquisadores dentre eles Belloni e Silva (1985), apontam como solução a regionalização desse material didático, defendendo o que só assim haveria condições de trabalhar de acordo com a realidade próxima do aluno.

(37)

zação toma longo alcance, pelo aspecto dúbio com que se apresentam, ao reduzir a oportunidade de alargar os conhecimentos e reforçar a exclusão dos já excluídos da sociedade. Sem contar com a questão, particularmente dos nordestinos que são tratados diferentemente dos povos do sul do país, em todos os aspectos preponderantemente do ponto de vista intelectual/cultural.

Ademais, a regionalização no atual sistema educacional brasileiro e por consequência, da sociedade como todo tem um caráter de limitação do universo vocabular. Nos apoiamos em FREITAG, et alii (1993) para afirmar que:

"A regionalização do livro didático no Brasil somente teria condições de produzir um livro de melhor qualidade se ocorresse uma reestruturação global do sistema educacional e uma elevação geral do nível de profissionalização de todos os agentes envolvidos". (p.38)

Com efeito, essa reestruturação precisa ser efetivada. Entretanto, da forma como esta estabelecida a classe oprimida nada teria a ganhar com a regionalização do livro didático porque seu conhecimento ficaria de forma restrita, limitada somente a seu meio, impedindo que haja uma preparação maior de cidadãos conscientes para a realidade na qual vivemos, o que pode ser constatado por FREITAG et alii (1993).

"A limitação da criança à (...) sua comunidade a restringe a um universo muito limitado, sendo necessário, via escola, dar a essa criança a oportunidade de ter acesso a língua de cultura, com a qual se adrem seus horizontes para o mundo, além das fronteiras de sua comunidade ou favela". (p.34)

Retratar somente as vivências da criança nua e crua, não iria contribuir em nada para superá-las, ao contrario iria sedimentar cada vez mais as desigualdades. Segundo, cabe ao professor a séria responsabilidade de trabalhar os conteúdos numa perspectiva que busque meios de evitar a consolidação do processo de marginalização e sua condição de classe.

Portanto, os conteúdos devem retratar a experiência local social da humanidade, transformando-se em instrumentos pelos quais os alunos assimilam, compreendem e enfrentam as exigências teóricas e práticas da vida social.

Elaborado por:

Keilane Maria de Oliveira
Josefa Rosa F. Bezerra

Instituição: Escola Estadual de 1º Grau Pedro Américo

Reunião com os professores do turno da tarde

Data: 14/07/95

Horário: 15:00 hs

Local: Sala de Reunião

Participantes: Diretora, professoras e estagiárias.

Objetivos: - Refletir sobre o direito que o professor tem de escolher o livro didático;
- Discutir o papel da escola como aparelho ideológico do estado;

PAUTA

- I - Abertura;
- II - Técnica
- III - Exposição oral: Contradição do Papel da Escola e do Direito do Professor de escolher o Livro Didático
- IV - Debate
- V - Avaliação;
- VI - Encerramento.

A contradição do papel da escola e do direito do professor de escolher o livro didático

Trata-se de uma questão muito importante do trabalho docente. Devemos partir do princípio de que a escolha do livro didático, deve ser tarefa do professor. Entretanto, encontra-se aqui um grande paradoxo, pois na sua prática cotidiana o professor não encontra respaldo para efetuarlo eficazmente, segundo os requisitos necessários para se fazer um escolha criteriosa. Como nos assegura LAJÓLO (1987):

"O direito que tem o professor de escolher o livro com o qual vai trabalhar choca-se na prática, com a falta de condições concretas para exercer este direito..."

Em face a essa situação contrastante é mister repensar as condições em que são escolhidos os livros didáticos para adoção nas escolas. Ela é feita sem reflexão, só com base no catálogo distribuído pelo MEC. A maioria dos professores não tem acesso ao exemplar e termina escolhendo pelo título ou por indicações de terceiros.

Diante disso, em debate público NOSELLA, sugere a suspensão da compra e distribuição gratuita do livro didático pelo Estado. Recomenda-se que os recursos liberados com essa suspensão fiquem à disposição do professor, para que ele compre o livro e o material que bem entenda, sem a tutela do Estado. Essa alternativa é simpática e talvez fosse até válida, se simultaneamente se pudesse também "suspender" o professor concreto que hoje atua nas escolas brasileiras substituindo por um modelo de mestre idealmente culto e lúcido.

Entretanto, como o nosso sistema educacional não dispõe de professores dotados de tais qualidades compete ao Estado doar os livros didáticos à população, contanto que a escolha seja feita pelo professor, exigindo do Estado: um tempo determinado para a escolha; ter o material em mãos, os livros a serem escolhidos sejam encaminhados ao professor pelo Estado; que seja garantida a seriedade e competência do governo na seleção dos livros a serem comprados.

Além disso, outro aspecto a considerar é a formação profissional. Essa é mais uma questão que leva o docente a adotar o livro com comodismo, por não ter uma preparação suficiente que o capacite a fazer uma escolha correta. Assim, é fundamental repensar os cursos de magisterio, seja do 2º ou 3º grau, dando aos professores uma base teórica sólida para escolher seu livro, criticá-lo e interpretá-lo em sala de aula, como salienta SÓARES (1994).

"Nosso problema crítico é a formação do professor. É preciso fazer uma reformulação dos cursos 2º graus, assim como do superior, inserindo conteúdos com que o professor vai ensinar (...). É preciso um grande investimento na formação dos professores, porque são eles quem escolhem os livros."

(Revista Nova Escolha, nº 79 /
OUT. 1994)

Para tanto, isso implicaria uma reestruturação, dos cursos oferecidos nas universidades, por um lado, e uma reorganização do sistema escolar, por outro.

Todavia, a escola sendo mais um veículo de inculcação ideológica garante a estabilidade do sistema escolar contribuindo para que tanto os educadores como os educandos sejam passivos e conformistas, assegurando o maior controle no processo pela classe dominante, segundo afirma FARIA (1994):

"A educação na sociedade capitalista tem a escola como um dos instrumentos de sua dominação, cujo papel é o de reproduzir a sociedade burguesa, através da sua ideologia..." (p. 08)

Com isso, a escola baseia-se num modelo autoritário, onde as crianças devem respeitar, obedecer e seguir ordens e padrões preestabelecidos, conseguindo dessa forma, "transformá-los em seres obedientes e provavelmente, cidadãos pouco criativos, conformados diante de toda e qualquer autoridade, pequenos robôs, que só agem seguindo ordens". (DEIRÓ, 1989: p. 75)

Desse modo, a escola reforça através do livro didático o processo de dominação sobre a classe trabalhadora, reproduzindo os interesses do capital, não desenvolvendo o senso crítico do aluno, segundo nos assegura FARIA (1994):

"... O livro sistematiza a ideologia burguesa, amortiza o conflito realidade x discurso, dizendo que o verdadeiro é segundo. (...) Assim, o livro didático contribui para a reprodução da classe operária..." (p. 77)

Dessa forma, a ação pedagógica desenvolvida na escola obriga os alunos a interiorizarem ensinamentos e princí-

pios, de maneira contínua metódica, formando neles hábitos que permanecem mesmo quando cessa a ação pedagógica. Tais ensinamentos e princípios, determinando esses hábitos geram práticas e atitudes que favorecem o modelo sócio-econômico-político defendido pela classe dominante. Um dos principais elementos responsável para formação desses hábitos são os textos didáticos.

Sendo assim, o professor deve fazer uso do direito que lhe é atribuído escolhendo livros que melhor se ajuste a sua clientela, pois é ele que tem pela frente determinados alunos, com suas características de origem social, vivendo num meio cultural determinado, com certas disposições e preparo para enfrentar o estudo. A escola por sua vez deve cumprir com sua tarefa na sociedade, democratizando os conhecimentos, garantindo um cultura de base para todas as crianças e jovens.

Elaborado por:

Keilane Maria de Oliveira
Josefa Rosa F. Bezerra

Instituição: Escola Estadual de 1º Grau Pedro Américo

Reunião com os professores do turno da tarde

Data: 21/07/95

Horário: 15:00 hs

Local: Sala de Reunião

Participantes: Diretora, professoras e estagiárias.

Objetivos: - Identificar as potencialidades e limitações do livro didático.

PAUTA

- I - Abertura;
- II - Técnica;
- III - Exposição oral: livro didático: um bem ou um mal?
- IV - Apresentação de filme;
- V - Debate.
- VI - Avaliação.
- VII - Encerramento.

Livro didático: um bem ou mal?

Como pano de fundo do autoritarismo, como instrumento de uma ação assimétrica e vertical, o livro didático, com seus fatos impressos, se presta na maioria dos casos a repassador de verdades prontas, imóveis, inquestionáveis.

Diante disso, surgem algumas implicações a cerca do livro didático que nos instiga a analisar quais as suas potencialidades e limitações no cerne do processo ensino-aprendizagem na realidade objetiva das nossas escolas.

O livro didático constitui-se até certo ponto em vilão por viabilizar mensagens ideológicas e deformadoras. Parafraseando GASTELOIS, ao invés de levantar questões que levem o aluno a pensar, pode bitolar e impedir a troca, a discussão, o aprofundamento dos temas, o enriquecimento recíproco entre o individual e o coletivo. Esse uso do livro facilita a massificação acrítica da informação, a ausência do confronto, a visão unilateral das questões.

Por outro lado, o livro didático torna-se necessário por ser o único elo que algumas crianças tem com a escrita, em escolas onde não há acesso a nenhum outro material. Conforme salienta CARVALHO (s/d):

"O livro didático é um mediador necessário por corporificar a forma escrita nas escolas da periferia e do interior, onde não tem nem sequer jornal e revista."

Confirmando essa posição MOLINA (1988) destaca que o livro didático adquire especial importância quando se atenta para o fato de que ele pode ser muitas vezes, o único livro com o qual a criança tem contato.

Principalmente na aquisição da escrita, o texto impresso pode ser de grande utilidade, na medida em que mostra uma regularidade e uma nitidez que o mimeógrafo não substitui.

O livro é um carregador de patrimônio cultural e pode se prestar a um rico exercício de discussão e troca. O livro por pior que seja, é objeto de leitura, de consulta, de informação, e de ponto de vista.

O confronto do real e do que é apresentado no livro é essencial para a criança desenvolver o espírito crítico, aprender a ler nas entrelinhas, decifrar o que está por trás de frases aparentemente inocentes.

O livro didático, da primeira série a universidade, pode ser múltiplo ou multiplicado por outras presenças (revistas, jornais, textos, etc.) mesmo que o professor sinta a necessidade de adotar um livro para o roteiro.

Dai ser necessário uma reflexão mais profunda acerca desse material didático no sentido de analisar até que ponto ele se constitui um elemento de interferência positiva ou negativa no processo ensino-aprendizagem.

Elaborado por:

Keilane Maria de Oliveira
Josefa Rosa F. Bezerra